

A NOÇÃO DE EQUIVALÊNCIA QUANDO SE TRADUZ MARCAS GRAMATICAIS: O CASO DE MAS E SUAS TRADUÇÕES PARA O FRANCÊS E O INGLÊS

Marion Celli*

RESUMO: Este estudo, baseado em *corpora* paralelos, concentra-se nas relações entre os marcadores MAS (em português), MAIS (em francês) e BUT (em inglês) (Aubert, 1998) e no conceito de equivalência. Tendo em vista a história da tradução, muito tem sido dito sobre essa noção, que, direta ou indiretamente, tem sido usada de diferentes formas pelos estudiosos da área. Este artigo chama a atenção para a subjacente noção matemática de equivalência normalmente presente na lexicografia bilingue tradicional, que, em geral, exclui a definição e a contextualização dos verbetes, em especial em dicionários português-francês e português-inglês. Os resultados da pesquisa mostraram que as unidades gramaticais observadas apresentam particularidades que variam de acordo com seu contexto de uso, o que dá origem a um número variado de correspondentes e especificidades tradutórias, diferentemente do que é oferecido em dicionários bilíngues para MAS.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da tradução; Equivalência; Lexicografia bilingue; Linguística de *corpus*; MAS.

* Mestranda do Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da FFLCH – USP.

ABSTRACT: This study, based on a parallel corpora, focuses on the non-equivalent relationships between the markers MAS (in Portuguese), MAIS (in French) and BUT (in English) (Aubert, 1998). Taking into account the history of translation studies, much has been said about the notion of equivalence. Directly or indirectly, translators and researchers have been using the concept in several different ways. Given the lack of definition and contextualization in bilingual dictionaries (Portuguese-French and Portuguese-English), this article calls attention to the underlying mathematical notion of equivalence in traditional bilingual lexicography. Each and every grammatical item, however, presents specific patterns which vary according to its context of use. The results showed a relevant number of correspondents and translating specificities when compared to what is offered by bilingual dictionaries for MAS.

KEYWORDS: Translation studies; Equivalence; Bilingual lexicography; Corpus linguistics; MAS.

1. Introdução

Em *Translation theory before the twentieth century*, Munday (2005) retoma, como um de seus objetivos principais, o velho debate entre tradução palavra por palavra (*word-for-word*) e tradução sentido por sentido (*sense-for-sense*) no período anterior ao século XX. Para isso, trata especialmente das considerações de Cícero, São Jerônimo, Dolet, Lutero, Dryden, Tytler e Schleiermacher, que muito contribuíram para os Estudos da Tradução. Ao longo de seu texto, é possível observar como, desde o séc. I a.C. de Cícero, a discussão sobre fidelidade ao texto original – seja ela relacionada à forma ou ao conteúdo – é muito recorrente. Embora tal discussão ainda seja relevante para os estudos tradutológicos, nota-se, após os anos 40, uma preocupação com o conceito de *equivalência*. Apesar de alguns autores utilizarem a palavra *equivalente* como produto da tradução, sem se preocupar com as implicações do termo, são muitas as discussões teóricas que envolvem sua definição.

A emergência do termo de equivalência na Ciência da Tradução é normalmente associada à visão matemática do termo, em que simetria e reflexividade definem-se como suas características principais. Assim, ao transpor a mesma palavra para a tradução, transpõe-se, ao mesmo tempo, a noção de igualdade. Nota-se, assim, a complexidade da questão, uma vez que tal debate não se resume apenas a uma discussão teórica; antes envolve implicações práticas que a fórmula *original = tradução* gera para a prática da tradução.

Quando se quer traduzir marcas gramaticais, por exemplo, normalmente se faz uso de dicionários bilíngues, pelos quais se buscam opções de correspondente(s) na língua-alvo. A partir de uma consulta a dicionários bilíngues português-francês e português-inglês, notou-se, no entanto, que à marca gramatical adversativa do português brasileiro (PB) MAS são apresentadas poucas possibilidades tradutórias em relação ao leque de variação tradutológica que a unidade pode assumir em francês e em inglês. Assim, muitas entradas analisadas ofereciam, respectivamente, as opções MAIS e BUT como seus *equivalentes* – i.e. MAS = MAIS e MAS = BUT –, uma vez que, além de na maioria das vezes não haver outras possibilidades de tradução, os verbetes eram descontextualizados.

Através de um estudo baseado em *corpora* paralelos (Olohan, 2004; Halliday, Teubert, Yallop & Čermáková, 2004), pôde-se observar, por outro lado, que MAS possui uma significativa variação tradutória em francês e em inglês, além de apresentar alterações no posicionamento das traduções em relação à língua-fonte, o PB. É importante, dessa forma, ressaltar a necessidade de definição e contextualização em verbetes bilíngues (Zavaglia, 2008), já que os modelos tradicionais não levam em conta aspectos sintático-pragmáticos como os levantados neste trabalho. Tendo em vista tal problemática, pretendemos discutir as consequências da noção de *equivalência* para a elaboração de verbetes de dicionários bilíngues, uma vez que não vemos a tradução como igualdade, mas como diferença (Rodrigues, 2000). Assim, após uma breve revisão sobre o conceito, exemplificaremos sua aplicabilidade nas obras lexicográficas consultadas para, em seguida, discutir, através das modalida-

des tradutórias de Aubert (1998), as relações entre MAS e suas traduções para o francês e o inglês a partir de um *corpus* paralelo literário. Vale notar, ainda, que a manipulação dos *corpora* só foi possível através das ferramentas do programa computacional *WordSmith Tools* (Scott, 1999), o qual facilitou o levantamento das traduções.

2. A noção de equivalência: uma breve revisão

Em *Equivalence in translation*, Neubert (2004) discute não apenas as atuais divergências sobre o emprego do termo, como também os problemas que sua complexidade gera para a prática da tradução. Lembra ainda que discordâncias sobre o que de fato constituiria equivalência são muitas vezes baseadas em argumentos subjetivos vinculados à qualidade das traduções, em que uma “má tradução” é justificada por não ser equivalente ao original – ou ainda, fiel ao original. Como consequência, ressalta que o termo foi aos poucos perdendo sua potencialidade de ferramenta crítica e que, atualmente, nota-se que a equivalência não se define como um conceito puramente objetivo, mas variável de acordo com a perspectiva do tradutor e de seu específico projeto de tradução.

Ao nos voltarmos para os estudos tradutológicos, é difícil não pensar em Jakobson e em seus *Aspectos linguísticos da tradução* (1959). Inserido numa coletânea de textos que revelam as reflexões do autor sobre a contribuição da linguística estrutural para a teoria da comunicação, a antropologia, a literatura, a gramática, a arte da tradução e as pesquisas acerca dos distúrbios de fala, Jakobson trata, nesse texto em específico, da tradução como parte do processo de produção de significado.

Opondo-se a Saussure e baseando-se em Peirce, Jakobson afirma que, tanto “para o linguista como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído” (Jakobson, 1959:64). Por essa afirmação, podemos inferir que, para Jakobson, a principal característica do signo linguístico é o fato de ser traduzível. Concluimos, então, que, para o linguista, cada símbolo é substituível por outro símbolo,

sendo tal substituição também por ele referida como recodificação ou *code-switching*, ou seja, a passagem de um código a outro.

Com base nesses conceitos, o linguista divide a interpretação do signo verbal em três maneiras: tradução intralingual ou reformulação, quando os signos são traduzidos a partir de outros signos da mesma língua; tradução interlingual ou tradução propriamente dita, quando se utilizam signos de outra língua; e a tradução intersemiótica, quando signos de sistemas não-verbais são usados para a interpretação primeira (Jakobson, 1959:64-65).

Tratando mais especificamente da tradução interlingual, Jakobson afirma que “a tradução envolve duas mensagens *equivalentes* em dois códigos diferentes”, o que o leva a concluir que “a *equivalência* na diferença é o problema principal da linguagem e a principal preocupação da Linguística” (Jakobson, 1959:65, grifos nossos). Ao dizer *mensagens equivalentes em códigos diferentes*, o autor remete ao processo tradutório como uma recodificação que não altera o significado original da mensagem traduzida. Assim, o conteúdo é mantido sem alterações, havendo apenas a alteração de códigos. Pelo uso da palavra inglesa *switch*, em *code-switching*, talvez seja possível afirmar, implicitamente, a noção de tal recodificação como um processo de reciprocidade, em que A é equivalente a B tal como B é equivalente a A. Diretamente relacionado a esse pensamento, Jakobson diz que “as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar” (idem: 69); ou seja, para ele todas as línguas podem remeter a mensagens equivalentes, porém expressas em diferentes códigos.

No mesmo ano de publicação de *Aspectos linguísticos da tradução*, Willard Quine apresenta seu texto *Meaning and translation* (1959). Apesar de basear-se em conceitos da Lógica e da Filosofia da Ciência, defende a indeterminação da tradução, tese posteriormente aprofundada na obra *Word and object* (1960). Diferentemente da relação de equivalência proposta por Jakobson (1959), Quine afirma que um determinado projeto de tradução só pode ser validado quando relacionado ao conjunto de hipóteses inicialmente estabelecido pelo tradutor. Assim, considerando uma segunda tradução de determinado texto, ape-

sar de diferente da primeira, será vista como correta de acordo com a relação de hipóteses na qual foi baseada. É interessante notar, assim, como dois autores contemporâneos – embora um filósofo e outro estruturalista – lidam com a questão: enquanto um defende a indeterminação da tradução, o outro chama a atenção para a “equivalência na diferença” (Jakobson, 1959).

Nos anos 60, a discussão sobre as relações de equivalência, já presente em trabalhos anteriores – tais como Jakobson (1959) – intensificou-se, resultado de observações relacionadas à comparação dos sistemas linguísticos em questão. Nessa perspectiva, a tradução era descrita e explicada pelos estudiosos, como Mounin (1963), Nida (1964) e Catford (1965), com o intuito de buscar um possível sistema de equivalências entre língua-fonte e língua-meta que repertoriasse as possibilidades de tradução. Conforme Neubert afirma, “a comparação de estruturas linguísticas era vista como uma maneira de oferecer a informação necessária e os procedimentos relevantes não apenas para a língua estrangeira mas também para o próprio tradutor” (Neubert, 2004:116, tradução nossa).

Considerando os trabalhos de Nida (1964) e Catford (1965), é possível observar que ambos os autores, à maneira de Jakobson (1959), baseiam seus estudos numa concepção abstrata de equivalência segundo a qual uma tradução pode apresentar, em outro sistema linguístico, os mesmos valores do texto-fonte. Além disso, apesar de Nida (1964) e Catford (1965) basearem-se no conceito de equivalência para desenvolver suas concepções sobre tradução, não apresentam, ao longo de suas obras, uma exata definição para o termo. Assim, a fim de exemplificar seu uso nessas obras em específico, poderíamos nos estender numa apresentação que outros estudiosos já fizeram (cf. Neubert, 2004; Rodrigues, 2000). Nesse sentido, julgamos válido apenas observar que, embora o primeiro diferencie “equivalência formal” de “equivalência dinâmica” e o segundo “equivalência de tradução” de “correspondência formal”, ambos os autores veem a equivalência como o centro do processo tradutório. Assim, enquanto Nida define a atividade de tradução como “a produção de mensagens *equivalentes*” (Nida, 1964:120, grifo nosso), Catford defende que “o problema central em prática de tradução consiste em encontrar *equivalentes* de tradução da LM [língua-meta]”

(Catford, 1965:23, grifo nosso). A nosso ver, tais definições são muito próximas da de Jakobson (1959), para quem a tradução é uma recodificação que “envolve duas mensagens *equivalentes* em dois códigos diferentes” (Jakobson, 1959:65, grifo nosso).

Na década de 80, pretendendo se opor a tais formulações tradicionais, Toury (1980) julga necessário reavaliar a noção de equivalência. Segundo Rodrigues (2000), o autor busca

problematizar o conceito, mas sem questionar a própria condição de possibilidade da equivalência. Toury chega a apontar como problemático o fato de a equivalência não ser jamais definida, mas acaba por inseri-la em sua teoria como uma “equivalência teórica”, ou como “equivalência máxima”. (Rodrigues, 2000:173)

Katharina Reiss, em seu ensaio “Type, kind and individuality of text: decision making in translation” (2000), apresenta uma visão funcionalista sobre a noção de equivalência na prática tradutória. Já no início do texto afirma que um dos objetivos centrais da tradução interlingual é a produção de um texto funcionalmente *equivalente* ao original (Reiss, 2000:160). Assim, a partir do âmbito da análise textual, apresenta diferentes fatores que incidem nesse processo de comunicação bilíngue, que é, segundo a autora, mediado pelo tradutor. Reiss caracteriza tal prática como *mediada*, pois, para ela, o tradutor atua como um mediador entre o texto original e o traduzido, o que gera, por conseguinte, alterações intencionais ou não-intencionais na mensagem de um dado processo comunicativo.

As mudanças não-intencionais são, segundo Reiss (2000), causadas por diferenças estruturais das línguas, ou seja, são linguisticamente condicionadas. Por outro lado, as mudanças intencionais, frequentes na prática de tradução, são relacionadas a alterações na função comunicativa do texto, conduzindo não a uma *equivalência* funcional entre texto-fonte e texto-alvo, mas a uma reverbalização do texto original. A partir disso, Reiss conclui que, apesar de a tipologia textual ser importante para a tradução, deve-se também levar em consideração uma tipologia da tradução (Reiss, 2000:161;170).

Segundo a autora, para se estabelecer uma tradução como um texto funcionalmente *equivalente* ao texto original, o tradutor deve, primeiramente, esclarecer quais as funções do texto original. De acordo com a autora, esse processo pode ser realizado em três estágios. O primeiro refere-se ao estabelecimento do tipo de texto (*text type*). Para Reiss, há três tipos básicos de texto: informativo (comunicação do conteúdo), expressivo (comunicação de um conteúdo artisticamente organizado) e operativo (comunicação de um conteúdo com caráter persuasivo) (Reiss, 2000:163). Apesar de esses três tipos textuais serem importantes, Reiss enaltece o tipo de texto multimidiático (*multimedial text type*; *idem*: 164) como o de maior relevância, considerando, assim, outros sistemas de signos além do linguístico. Para Reiss, quando a mensagem é verbalizada, o tipo multimidiático apresenta suas próprias especificidades, as quais também devem ser consideradas pelo tradutor. Assim, as condições extralinguísticas devem ser consideradas como a base para a tipologia midiática, de extrema relevância para a tradução.

O segundo estágio estaria ligado ao conceito de variedade textual (*text variety*), isto é, a uma classificação textual que varia de acordo com os padrões de uma determinada comunidade linguística. Para Reiss, o estabelecimento de tal variedade textual é de suma importância para o tradutor, uma vez que, a partir disso, diminui o risco de alterar a *equivalência* funcional da língua-alvo por influência das convenções da língua-fonte. Por fim, o terceiro estágio, referente ao estilo textual (Reiss, 2000:166), está relacionado à seleção dos signos linguísticos e suas possíveis combinações.

Determinadas as funções de um determinado texto a partir dos três estágios acima mencionados, pode-se dizer que, segundo Reiss, o processo de tradução pode finalmente ser iniciado. Assim, segundo a autora, enquanto a análise do tipo de texto determina o método geral de tradução, a variedade textual define as estruturas linguísticas. A partir de tal análise textual prévia, o tradutor pode então, a fim de atingir a *equivalência* funcional, utilizar-se de três modos de tradução: (i) que visa à preservação do conteúdo, (ii) que visa a manter a expressão artística do original, e (iii) que adapta o original à realidade da comunidade alvo a partir dos fins persuasivos requisitados na

língua-fonte (Reiss, 2000:167-168). Para a autora, então, o processo de tradução deve ser baseado numa análise textual a fim de ser funcionalmente *equivalente* com o texto original.

Outra posição bastante diferente com relação à produção de mensagens equivalentes na tradução é a de Philip Lewis, em *The measure of translation effects* (2000). No início do ensaio, Lewis toma como base os resultados de Guillemin-Flesher (*Syntaxe comparée du français et de l'anglais: problèmes de traduction*) para demonstrar diferenças significativas entre o francês e o inglês. Após apontar quatro diferenças centrais, afirma que tais observações contrastivas, provenientes da comparação entre original e tradução, nos dizem muito sobre as dificuldades de traduzir do francês para o inglês. Assim, tomando como base o campo das relações enunciativas levantadas por Guillemin-Flesher, Lewis afirma que tais diferenças causam, conseqüentemente, inúmeros problemas de tradução, relacionados não apenas a questões puramente lexicais ou gramaticais, mas também ao fato de o enunciado traduzido não construir a mesma relação com o mundo dada inicialmente pelo original¹. Para Lewis, toda a tradução resultará em algo diferente, sendo tal diferença já dada a partir da própria dissimilaridade entre as línguas (Lewis, 2000:267).

A partir dessa breve revisão sobre a noção de equivalência na tradução, pode-se notar – de Jakobson a Lewis – como o conceito é muitas vezes ambíguo, distinto ou semelhante quando comparado entre certos autores. Tal como os estudiosos Neubert (2004) e Rodrigues (2000) apresentam em seus extensos trabalhos sobre o uso do termo ao longo da história, outros pesquisadores também se preocupam com a complexidade do conceito e suas repercussões para a prática da tradução. Raymond van den Broeck (1978), por exemplo,

tomando como base as concepções de Catford, reconsidera o uso do termo, e passa a conceber a equivalência de tradução como uma equivalência de funções, como um

¹ Segundo o autor, “translation, when it occurs, has to move whatever meanings it captures from the original into a framework that tend to impose a different set of discursive relations and a different construction of a reality.” (Lewis, 2000:267)

critério dinâmico e dependente de cada situação. Conclui, entretanto, que a equivalência “parece ser de natureza mais complexa do que se desejaria”. (Rodrigues, 2000:24)

Nota-se, dessa forma, que o conceito de equivalência é realmente problemático e merece cuidado ao ser utilizado. Por isso, antes de partirmos para a descrição dos dicionários bilíngues português-francês e português-inglês consultados, é importante ressaltar que não vemos a tradução como geradora de unidades equivalentes, mas de correlações dinâmicas que variam de acordo com as particularidades co(n)textuais de cada forma traduzida. Assim, embora sempre haja o estabelecimento de analogias, cremos não ser possível garantir uma dependência funcional entre original e tradução.

3. As traduções de MAS em dicionários bilíngues

Tendo em vista a discussão sobre o conceito de equivalência no item anterior, apresentaremos, nessa seção, a descrição da marca MAS em onze obras lexicográficas bilíngues, mais especificamente entre os pares de língua (I) português-francês e (II) português-inglês a fim de verificar de perto como a noção matemática de equivalência subjaz muitos desses verbetes. Nota-se que as lacunas de definição e contextualização intensificam a problemática.

No caso do francês, Corrêa (1973) apresenta para *mas* (port.) os correspondentes *mais*, *toutefois* e *cependant* e a locução *mais encore* como tradução do agrupamento *mas também*. Além dos correspondentes apresentados por Corrêa (1973), Valdez (2000) apresenta para *mas* (port.) a forma *pourtant* e *mais* com sentido de substantivo (*objection*, *difficulté*, *défaut*). O dicionário bilíngue francês-português/português-francês de Burtin-Vinholes (2003) apresenta para a entrada *mas* (port.) os correspondentes *mais*, *cependant*, *toutefois* e *pourtant* e as locuções *mais cependant*, *mais encore* e *au contraire* para as locuções no português *mas contudo*, *mas também* e *mas antes*, respectivamente. Sem definição e contextualização, no entanto, o seu consulente não tem critérios suficientes para escolher o cor-

respondente mais adequado para a sua tradução. Já o minidicionário bilíngue (francês-português/português-francês) *Michaelis* (1993) apresenta para as entradas *mas* (port.) apenas o correspondente *mais* (fr.). O dicionário bilíngue de Azevedo (1978) indica a ocorrência de *mas* (port.) como nome, tal como em *il y a toujours un mais*, explicitando ainda as expressões *mas contudo* (port.) e *não só... mas também* (port.) e seus respectivos correspondentes, *mais cependant* (fr.) e *non seulement... mais encore* (fr.). Por ser produto do resumo do dicionário de Azevedo (1978), Rousé & Cardoso (1986) não realizam qualquer alteração no verbete de *mas* nos dicionários “Bertrand”. Florenzano (s/d), numa tentativa de realizar uma seleção dos vocábulos mais usados em português e em francês, apresenta para *mas* (port.) somente o correspondente *mais* (fr.).

Passando para o inglês, o dicionário *Novo Michaelis* (1986) traz para *mas* (port.) seu uso como substantivo, advérbio e conjunção. No primeiro caso, apresenta as significações de objeção, restrição, obstáculo e erro sem qualquer exemplificação para sua compreensão. No caso do uso como advérbio, apresenta apenas as formas *indeed* e *yes* como possibilidades. O dicionário amplia os correspondentes somente para o uso como conjunção, apresentando as marcas *but*, *only*, *however*, *still*, *yet* e *even* como traduções possíveis. Em seguida, traz os exemplos: *mas claro!* / *why yes!*, *não só vadio mas também malcriado* / *not only lazy but also ill-mannered*, *nem mas nem meio mas* / *but me no buts!* e, por último, *sempre tens um mas para meus desejos* / *you always have a but to set against my wishes*. É interessante notar que o verbete de *mas* (port.) no *Michaelis – Dicionário Prático inglês-português/português-inglês*, publicado pelo jornal *Folha da Tarde* em 1995, possui o mesmo conteúdo que o de 1986. Já o dicionário bilíngue português-inglês/inglês-português *Oxford Escolar* (2005), por exemplo, apresenta para a entrada *mas* (port.) sua classificação como conjunção e apenas o item *but* (ing.) como correspondente, indicando a seguinte sentença como exemplo: *devagar mas com segurança* / *slowly but surely*.

Através dos verbetes acima descritos, um consulente certamente teria dificuldades na escolha do correspondente mais coerente para o contexto exigido na língua-fonte. Além disso, sem uma descrição de suas diferenças, poderia inferir que os

correspondentes são *equivalentes*, no sentido de serem substituíveis entre si em quaisquer contextos. Apesar de em alguns casos – i.e. Burtin-Vinholes (2003), para o francês, e *Novo Michaelis* (1986), para o inglês – termos certa variedade tradutológica, incluindo agrupamentos ou expressões, percebe-se que não há reflexão sobre o uso de cada uma das formas apresentadas. Assim, questões sintático-pragmáticas, por exemplo, não são levadas em consideração. No entanto, são muitas as particularidades de pontuação, posicionamento e registro entre uma língua e outra, que unidades gramaticais, tal como as lexicais, também trazem em sua definição. Além disso, não podemos nos esquecer que, intrinsecamente ligada ao ato tradutório, está a interface entre língua e cultura. Mesmo quando se traduz marcas gramaticais, temos de considerar que cada sistema cultural não apenas condiciona a visão de mundo do homem como também possui a sua própria lógica (Laraia, 2008). É nessa problemática que a tradução se encaixa, já que o tradutor, por mais que esteja inserido na cultura da língua-alvo, tem suas raízes em outra realidade cultural.

Vale notar, desse modo, a intrigante tarefa do pesquisador em encontrar os traços linguísticos que revelam tais visões desencontradas de mundo na relação entre o texto-fonte e o texto-alvo, fatores essenciais para elaboração de verbetes bilíngues². Assim, tal como veremos a seguir, mesmo a busca por correspondentes tradutórios gramaticais não pode isolar-se do contexto situacional empregado, que caracteriza, na primeira ou na segunda língua, variações de ordem cultural que devem ser levadas em consideração.

² É importante ressaltar que nossa preocupação com a elaboração de verbetes bilíngues gramaticais deve-se ao fato de este trabalho ser um recorte de nossa pesquisa de mestrado, iniciada em 2009: *Um estudo de marcas adversativas do português à luz de uma abordagem lexicográfica bilingue diferencial (português-francês e português-inglês): o caso de mas, porém, contudo, todavia e entretanto* (apoio FAPESP – proc. 2008/56075-0).

4. Linguística de *Corpus* e tradução

Olohan (2004) e Halliday & Teubert & Āermáková (2004) apresentam a Linguística de *Corpus* como uma área que vem se destacando como uma fonte de recursos computacionais aplicáveis tanto à prática da tradução quanto a análises do processo tradutório. Um importante conceito da Linguística de *Corpus* associado à Tradutologia é a definição de *corpora* paralelos que, segundo Halliday, Teubert, Yallop & Āermáková (2004), são aqueles que apresentam textos correspondentes e normalmente alinhados em duas ou mais línguas. A tecnologia, assim, é extremamente importante para essa abordagem, já que os computadores são muito úteis, com ferramentas indispensáveis usadas nesse processo.

No caso de nossa pesquisa, o estudo das traduções de MAS só foi possível a partir do programa computacional *WordSmith Tools* (Scott, 1999), pelo qual repertoriamos as estratégias tradutórias (Aubert, 1998) empregadas no *corpus* paralelo selecionado. Assim, considerando nossa preocupação com a relação entre língua e cultura, decidimos analisar, neste trabalho, as traduções para o (I) francês e o (II) inglês da obra *Onde andara Dulce Veiga* (1991), de Caio Fernando Abreu – (I) *Qu'est devenue Dulce Veiga?* (1994), traduzida por Claire Cayron – e (II) *Whatever happened to Dulce Veiga?* (2000), traduzida por Adria Frizzi.

O alinhamento de nossos *corpora* paralelos foi realizado através do utilitário *Aligner* do programa *WordSmith Tools*, o qual nos permitiu obter os paralelos entre original e tradução. Considerando a problemática da lexicografia bilíngue (Zavaglia, 2008), essa ferramenta da Linguística de *Corpus* teve um papel muito importante em nossa pesquisa, já que nos trouxe a simultânea co(n)textualização da marca que desejamos estudar, tanto na língua-fonte quanto na língua-alvo. Assim, obtivemos, através de co(n)textos específicos, os correspondentes tradutórios para o francês e o inglês para cada uma das 289 ocorrências de MAS encontradas no *corpus* monolíngue – ou seja, a obra original em português.

Esse dado foi levantado por outra ferramenta do programa – *Wordlist* –, que trouxe os dados estatísticos do *corpus*³. Tratan-

³ De acordo com a ferramenta *Wordlist*, o *corpus* selecionado apresenta 60.510 *tokens* e 9.231 *types*, sendo a relação *type-token ratio* de 15,26.

do especificamente do utilitário *Aligner*, pudemos observar os paralelismos entre original e tradução, de modo que os textos foram simultaneamente apresentados da seguinte maneira:

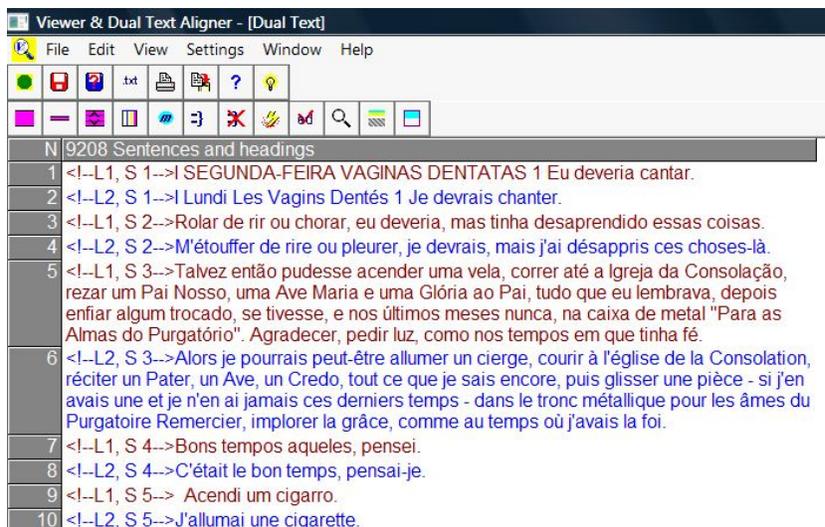


Figura 1: Alinhamento do *corpus* paralelo português-francês

A figura 1 refere-se ao *corpus* paralelo português-francês. Vale notar que, para trabalhar com tal ferramenta, deve-se ter os arquivos dos dois textos em formato .txt, pois é somente nessa extensão que o programa *WordSmith Tools* lê os arquivos. Assim, ressaltamos a fase de digitalização e revisão das obras, fato essencial para o estabelecimento dos *corpora*. Em seguida, dentro do item *Tools* (Ferramentas), encontra-se o acesso aos *Utilities* (Utilitários), que contêm o *Viewer & Aligner* (Visualizador e Alinhador). Selecionando-o, abre-se uma nova janela onde se deve escolher o item *File* (Pasta). Ali, encontra-se o utilitário *Aligner*, que permite a visualização dos textos alinhados. Basta escolher o texto-fonte, que aparece em vermelho e, em seguida,

MAS possui uma frequência relativa de 0,50%, sendo a 24ª unidade mais frequente em todo o *corpus* monolíngue.

a sua tradução, que aparece em azul, para poder analisar os trechos em paralelo. Com base no alinhamento, demonstraremos, a seguir, a análise das traduções de MAS para o francês e o inglês, de acordo com as modalidades tradutórias de Aubert (1998).

5. A análise das traduções à luz das modalidades de Aubert (1998)

Para a análise das relações tradutológicas entre a marca MAS em português e suas traduções para o francês e para o inglês, utilizamos as “modalidades de tradução” de Aubert (1998), que se voltam principalmente para os diversos fatores que incidem sobre as estratégias utilizadas pelo tradutor no ato tradutório. Antes de detalharmos a análise dos resultados, vale notar os correspondentes encontrados para MAS em nosso *corpus* paralelo:

Correspondentes tradutórios para MAS em francês	Número de ocorrências	Correspondentes tradutórios para MAS em inglês	Número de ocorrências
mais	256	but	263
Ø ⁴	15	Ø	15
et	3	and	2
pourtant	2	although	2
plutôt	2	then	2
alors	2	though	1
sauf	1	what about	1
quand	1	so	1
que	1	when	1
même	1		
pas	1		
lorsque	1		
et aussi	1		
malgré	1		
au fait	1		
Total	289	Total	289

Tabela 1: Possibilidades tradutórias encontradas para MAS no *corpus* paralelo português-francês e português-inglês

⁴ Este símbolo indica que não houve correspondentes diretos encontrados nas traduções.

Apesar de os correspondentes MAIS (em francês) e BUT (em inglês) serem de fato muito mais frequentes que as demais unidades, não podemos desconsiderar todas as outras possibilidades encontradas. Assim, pela tabela 1, podemos notar que a tradução francesa analisada possui uma variação tradutológica maior que a tradução em inglês, apresentando 33 variações contra 25 da língua inglesa⁵. Além disso, é interessante observar que ambas as traduções – para o francês e o inglês – apresentaram o mesmo número de casos em que não houve correspondente direto de MAS na língua-alvo. Em busca das relações tradutológicas entre os itens acima, discutiremos os resultados a partir de Aubert (1998).

Segundo o autor, as modalidades se organizam da seguinte maneira: (1) *omissão*, quando uma parte do texto fonte é suprimida e não é recuperável através da tradução, devendo-se recorrer ao texto original para ter acesso à informação suprimida; (2) *espelhamento*, quando há a reocorrência de um determinado trecho do original no texto fonte com mudanças zero, desdobrando-se em (2a) *transcrição*, quando certo segmento é comum às duas línguas em questão e é portanto reproduzido identicamente na tradução (algarismos e latinismos, por exemplo), (2b) *empréstimo*, quando algo específico da língua de partida é mantido na língua de chegada, identificado por nota de rodapé ou aspectos visuais, e em (2c) *decalque*, quando tenta-se, na tradução, resgatar a pronúncia da língua fonte de acordo com as regras da língua alvo; (3) *literalidade*, quando não há interferências que impeçam o andamento linear do processo tradutório, dividindo-se em (3a) *tradução palavra por palavra*, quando, ao

⁵ É preciso ressaltar que este artigo não pretende generalizar as relações tradutológicas entre português-francês e português-inglês apenas com os dados aqui apresentados. Graças aos expedientes da linguística de *corpus*, pretendemos, por outro lado, chamar atenção para a problemática noção de equivalência prototípica entre unidades gramaticais, no caso, a marca MAS do português brasileiro e suas traduções para o francês e o inglês. Vale lembrar, ainda, que este trabalho pertence um projeto de pesquisa maior, em nível de mestrado (cf. Nota 2), onde discutimos as relações tradutológicas em questão de modo mais aprofundado.

comparar o trecho original com o traduzido verifica-se o mesmo número de palavras, a mesma ordem sintática e a não ocorrência de mudança de categoria, em (3b) *transposição*, quando o tradutor recorre a ajustes morfossintáticos para se adequar à gramática da língua meta, e em (3c) *explicitação*, quando se explicita uma informação que está implícita no original; (4) *equivalência*, quando o grau de visibilidade da atuação do tradutor é maior, desdobrando-se em (4a) *implicitação*, quando alguma informação é condensada a fim de facilitar o entendimento do leitor da língua alvo, em (4b) *modulação*, quando temos a mudança de ponto de vista devido aos idiomatismos de expressão, por exemplo, e em (4c) *adaptação*, quando ocorre adaptação cultural de certo segmento para a língua fonte; (4d) *tradução intersemiótica*, quando ocorre o diálogo entre diferentes tipos de linguagem, como entre um texto escrito e uma determinada ilustração; e, finalmente, (5) *erro*, quando há, na passagem de uma língua para outra, uma real troca de sentidos.

Através da observação das traduções, não encontramos, em nenhuma das direções, casos de *erro* nem *espelhamento*. A *literalidade*, por outro lado, foi a mais recorrente, com muitas ocorrências de *tradução palavra por palavra* e *transposição*. Em seguida, tivemos como mais recorrente a estratégia de *omissão* e, por fim, a de *equivalência*, com a *modulação*.

Português-francês			Português-inglês		
Traduções para MAS	Modalidade	n	Traduções para MAS	Modalidade	n
Mais	Palavra por palavra	197	But	Palavra por palavra	249
Mais	Transposição	59	But	Transposição	15
Ø	Omissão	14	Ø	Omissão	13
Ø	Omissão + Modulação	1	Ø	Omissão + Modulação	2
Et	Palavra por palavra	1	And	Transposição	1
Et	Modulação	1	And	Transposição + Modulação	1
Et	Transposição + Modulação	1	Then	Transposição + Modulação	2
Pourtant	Palavra por palavra	2	Although	Palavra por palavra	2
Plutôt	Modulação	2	Though	Palavra por palavra	1
Alors	Modulação	2	What About	Modulação	1
Pas	Modulação	1	So	Transposição + Modulação	1

Pas	Modulação	1	So	Transposição + Modulação	1
Sauf	Transposição	1	When	Transposição + Modulação	1
Que	Transposição	1			
Même	Transposição	1			
Malgré	Transposição	1			
Au fait	Transposição	1			
Lorsque	Transposição + Modulação	1			
Et aussi	Transposição + Modulação	1			
Quand	Transposição + Modulação	1			
Total		289	Total		289

Quadro 1: As traduções de MAS para o francês e o inglês à luz das modalidades de Aubert (1998)

Para analisar os dados acima, vale lembrar que, de acordo com Aubert (1998), as modalidades *tradução palavra por palavra* e *transposição* são observadas quando não há interferências que impeçam o andamento linear do processo tradutório. Mas, enquanto na primeira verifica-se o mesmo número de palavras, a mesma ordem sintática e a não ocorrência de mudança de categoria, na segunda, nota-se que o tradutor teve de recorrer a ajustes morfossintáticos para se adequar à gramática da língua-meta. Assim, como a *transposição* se constitui em co(n)textos tradutórios em que o sentido é mantido, mas mudanças de categoria, de número de palavras e de posicionamento podem ocorrer, é muito provável que na tradução de itens gramaticais uma dessas variantes ocorra. Por esse motivo, é possível compreender o alto número de *transposições* em nosso *corpus* paralelo – tanto para o francês quanto para o inglês.

Abaixo, temos um exemplo de MAS traduzido por MAIS (em francês) e BUT (em inglês) por meio da modalidade *tradução palavra por palavra*, em meio de enunciado:

(01) Acontecera um milagre. Um milagre à toa, **MAS** básico para quem, como eu, não tinha pais ricos, dinheiro aplicado, imóveis nem herança e apenas tentava viver sozinho numa cidade infernal como aquela que trepidava lá fora, além da janela ainda fechada do apartamento.

(02) Un miracle avait eu lieu. Un drôle de miracle, **MAIS** capital pour quelqu'un qui, comme moi, n'avait pas une riche famille, de l'argent placé, des biens immeubles ou un héritage et ne faisait que tenter de vivre dans une ville infernale comme celle qui bourdonnait dehors, au-delà de la fenêtre encore fermée de l'appartement.

(03) A miracle had occurred. A modest miracle, **BUT** essential to someone who, like me, didn't have rich parents, investments, real estate, or inheritance and was just trying to make it on his own in an infernal city like the one throbbing outside my still unopened apartment window.

Nos trechos a seguir, temos, para os mesmos correspondentes, casos da modalidade *transposição*. Vale notar que, dos 15 casos em que BUT foi traduzido pela *transposição*, 10 deles foram alvos da mesma estratégia no francês. Eis um exemplo:

(01) Dulce não se movia. Delicado então, **MAS** firme, ele começou a me empurrar em direção à porta, dizendo que voltasse depois, outro dia, que tinha pressa, precisava viajar, que Dulce não estava bem, que não havia tempo, nem um minuto, ele precisava viajar, fugir, urgente.

(02) Dulce ne bougeait pas. Doucement **MAIS** fermement, Il s'est mis alors à me pousser vers la porte en me disant de revenir, un autre jour, qu'il était pressé, qu'il devait partir en voyage, que Dulce n'allait pas bien, qu'il n'avait pas le temps, pas une minute, qu'il lui fallait partir, s'enfuir, d'urgence.

(03) Dulce didn't move. Then, gently **BUT** firmly, he began to push me toward the door, telling me to come back later, some other day, that he was in a hurry, he was going to travel, that Dulce wasn't feeling well, that there was no time, not even a minute, and he needed to leave, flee, urgently.

Aqui e no próximo exemplo, apresentamos as traduções de MAS sem correspondente direto, em que a unidade não é recuperável através da tradução. Iniciamos com a *omissão + modulação*⁶:

⁶ Os trechos de *omissão* constam em negrito para facilitar a identificação do leitor.

- (01) – Não foi sobre a novela que vim falar com a senhora.
 – Ah, não? – ela estava surpresa. – **MAS** me chama de você, por favor.
 – É sobre uma pessoa que você conheceu. – Fala, meu bem.
 – Dulce Veiga – eu disse.
- (02) – C'est n'est pas du feuilleton que je suis venir vous parler, madame.
 – Ah non? – elle était surprise. – **Pas de madame entre nous s'il vous plaît.**
 – C'est de quelqu'un que vous avez connu.
 – Dites, mon chou.
 – Dulce Veiga, dis-je.
- (03) “I didn't come to talk to you about the soap, Miss Lara.”
 “You didn't?” She looked surprised. **“Call me Lilian, please.”**
 “It's about someone you knew once, Lilian.”
 “Go on, darling.”
 “Dulce Veiga,” I said.

Consideramos o trecho acima como *omissão+modulação*, pois cremos que, além de a unidade MAS ter sido omitida, houve mudança de ponto de vista na tradução. Tal processo não ocorreu na passagem seguinte, em que houve apenas a *omissão*. Para facilitar a exemplificação, selecionamos um trecho em que, para o mesmo original, tivemos a mesma modalidade para ambas as traduções:

- (01) Eu perguntei:
 – **MAS** o que você quer, afinal?
 Ela sorriu:
 – Além de cantar?
 – Mais além.
 – Nada além: eu quero encontrar outra coisa.
- (02) Je demandai :
 – Que cherchez-vous, finalement ?
 Elle sourit :
 – Au-delà de chanter ?
 – Bien au-delà.
 – Au de-là rien : je veux juste trouver autre chose.
- (03) I asked:

“What is it that you want, anyway?”

She smiled:

“Besides singing?”

“Besides that.”

“Nothing more: I want to find something else.”

Através da análise comparativa das traduções, notamos que, em muitos casos, tivemos, a partir do mesmo trecho original, a mesma modalidade para ambas as línguas. Além dos quatro exemplos acima, é interessante notar esse caso de transposição + modulação:

(01) Não havia ninguém à vista. Tive vontade de entrar por aquele corredor, **MAS** lembrei de Patrícia.

(02) Personne en vu. J’allais entrer dans le couloir **LORSQUE** je me souvins de Patrícia.

(03) There was nobody in sight. I wanted to go down that hallway, **THEN** I remembered Patrícia.

Na seção de anexos, além das relações tradutológicas citadas acima, constam todas as outras possibilidades tradutórias encontradas em nosso *corpus* paralelo (cf. Quadro 2 e Quadro 3). Em forma de tabelas, trazemos as traduções para o francês e o inglês, seguidas da respectiva modalidade e contexto em que foram encontradas.

6. Considerações finais

Considerando nosso *corpus* de estudo, vimos que, devido às relações interlinguísticas e ao caráter transcategorial das palavras, MAS em português não terá como correspondente, em francês ou em inglês, necessariamente uma *conjunção coordenativa adversativa*, assim habitualmente definida. Dependendo de fatores semânticos, contextuais, estruturais, estilísticos etc., poderemos ter, como possibilidades tradutórias, *plutôt* (fr.) e *what about* (ing.), por exemplo. Além disso, tal como exemplificado acima, há casos em que MAS é omitido, havendo, assim, uma supressão de parte do texto fonte.

É possível afirmar, desse modo, que, a partir do *corpus* paralelo observado, não é somente considerável a variação tradutológica de MAS – tanto em francês quanto em inglês – como também cada tradução apresenta particularidades interessantes, fato corroborado pelo alto índice de transposições – e modulações – em nossos *corpora*.

É nesse contexto que o estudo contrastivo, a partir de *corpora* paralelos, torna-se interessante para a análise semântico-tradutológica de uma dada lexia. Tendo em vista a falta de estudos de palavras ditas gramaticais como realmente significantes – ou seja, com significação, assim como as palavras lexicais – e a importância dessas marcas na organização lógico-discursiva dos textos, procuramos, neste trabalho, chamar a atenção para a complexa noção de equivalência nos estudos da tradução e mostrar, através de exemplos da lexicografia bilíngue (português-francês e português-inglês), como a visão matemática do termo influencia as descrições da marca gramatical MAS em verbetes bilíngues tradicionais.

Agradecimentos

À Professora Tinka Reichmann e à minha orientadora, Professora Adriana Zavaglia, pelas instigantes discussões durante o curso de Pós-Graduação “Estudos da Tradução: diferentes abordagens e perspectivas” (1º sem/2009), essenciais para a elaboração deste artigo.

Referências bibliográficas

- ABREU, C. F. (1991) *Onde andara Dulce Veiga*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ____ (1994) *Qu'est devenue Dulce Veiga?* Paris: Éditions Autrement, Tradução de Claire Cayron.
- ____ (2000) *Whatever happened to Dulce Veiga? A B-Novel*. Texas: University of Texas Press. (Texas Pan American series). Trad. Adria Frizzi.
- AUBERT, F. H. (1998) Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*. São Paulo: Humanitas n. 1, pp. 99-128.

- AZEVEDO, D. (1978) *Grande dicionário francês – português, português – francês*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- BERBER SARDINHA, T. (2004) *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole.
- BURTIN-VINHOLES, S. (2003) *Dicionário francês-português, português-francês* / S. Burtin-Vinholes com a colab. de Laurence Curtenaz e Maria José Nonnenberg. 40. ed. São Paulo: Globo.
- CATFORD, J. C. (1980) *Uma teoria linguística da tradução: um ensaio em linguística aplicada*. São Paulo: Cultrix, Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- CORRÊA, R. A. (1973) *Dicionário escolar francês-português, português-francês*. Rio de Janeiro: Mec. 5a. ed.
- FLORENZANO, E. (19—) *Dicionário Ediouro francês-português, português-francês*. Rio de Janeiro: Ediouro, 17a. ed.
- HALLIDAY, M. A. K.; TEUBERT, W.; YALLOP, C.; ČERMÁKOVÁ, A. (2004) *Lexicology and Corpus Linguistics*. Londres: Continuum.
- JAKOBSON, R. (1995 [1959]) Aspectos linguísticos da tradução. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, pp. 63-72.
- LARAIA, R. B. (2008) *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 22ª ed.
- LEWIS, P. (2000) The Measure of Translation effects. In: VENUTI, L. (org). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, pp. 264-283.
- MICHAELIS (1995) *Dicionário Prático Inglês-Português/Português-Inglês*. São Paulo: Empresa Folha da Tarde da Manhã S. A.
- MOUNIN, G. (1975 [1963]) *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo, Cultrix. Trad. Heloisa de Lima Dantas.
- MUNDAY, J. (2005) Translation theory before the twentieth century. *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*. New York: Routledge, pp. 18-34.
- NEUBERT, A. (2004) Equivalence in translation. In: KITTEL *et al.* (eds.) *Übersetzung – Translation – Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung / An International Encyclopedia of Translation Studies / Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction*, tomo 1, n° 36, New York: Walter de Gruyter. Colunas 622-646.
- NIDA, E. A. (1964) *Toward a science of translating*. Netherlands: E. J. Brill.

- NOVO MICHAELIS (1986) Dicionário Prático Inglês-Português/Português-Inglês. São Paulo: Melhoramentos.
- OLOHAN, M. (2004) *Introducing Corpora in Translation Studies*. Londres: Routledge.
- OXFORD ESCOLAR (2005) Português-inglês/inglês português para estudantes brasileiros.
- PEREIRA, H. B. C.; SIGNER, R. (1993) *Michaelis: minidicionário francês-português, português-francês*. São Paulo: Melhoramentos.
- QUINE, W. V. O. (2000) Meaning and Translation. In: VENUTI, L. (org.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, pp. 94-111.
- REISS, K. (2000) Type, Kind and Individuality of Text: Decision Making in Translation. In: VENUTI, L. (org.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, pp. 160-71.
- RODRIGUES, C. C. (2000) *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP.
- ROUSÉ, J.; CARDOSO, E. (1986) *Dictionnaires Bertrand: portugais-français*. Venda Nova: Bertrand.
- TOURY, G. (1980) *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: Porter Institute.
- VALDEZ, J. F. (2000) *Dicionário francês-português português-francês*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier.
- ZAVAGLIA, A. (2008) Apresentação das bases do dicionário relacional (português-francês) – DIRE. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, pp. 233-253.

ANEXOS

Quadro 2: As traduções de MAS para o francês

Correspondente	Modalidade	Original em português	Tradução em francês
Et	Palavra por palavra	O baixinho do espelho me empurrou para fora. Eu estava atordoado demais para reagir, me deixei levar. Para fora, para longe, para qualquer lugar, talvez lá onde estavam a poltrona verde, a seringa manchada de sangue, o berço no canto escuro. Não sei como tinha esquecido tudo aquilo, MAS agora também não sabia o jeito certo, se havia um, de lembrar. Tantas coisas, tantos anos depois de Dulce Veiga.	L'avorton au miroir me poussa dehors. J'étais trop étourdi pour réagir, et me laissai pousser. Dehors, loin, vers n'importe où, peut-être là où étaient le fauteuil vert, la seringue tachée de sang, le berceau dans un coin sombre. Comment avais-je pu oublier tout cela, ET à présent par quel moyen, s'il en était un, m'en souvenir ? Tant de choses, tant d'années, avaient passé après Dulce Veiga.
Et	Modulação	MAS Saul, eu perguntara, quem é Saul. E Alberto, como Márcia, não lembrava de ninguém com esse nome.	ET Saul, me demandai-je, qui est Saul. Alberto, comme Marcia, ne se souvenait de personne portant ce nom.
Et	Transposição + Modulação	Embaixo delas, a terra arfava feito um gato feliz. Curvei-me para ouvir a terra, MAS levantei assustado com uma forma viva enorme na minha frente. Um homem, um animal, pensei – era uma árvore.	Dessous, la terre rononnait comme un chat heureux. Je me penchai pour l'entendre ET me relevai, effrayé par une forme vivante, énorme, en face de moi. Un homme, un animal, pensai-je – c'était un arbre.
Pourtant	Palavra por palavra	-- Meu filho, os caminhos estão muito mais abertos do que você imagina. Só que eles parecem tortos. MAS é por esses caminhos que parecem tortos que você tem que caminhar, e as coisas vêm ao seu encontro. Você só tem que escutar os caminhos e seguir por eles. -- Para você, é seu aniversário. Este é o Cazuza, cuide bem do príncipe. MAS nem contei nada, pensei.	-- Mon fils, les chemins sont plus ouverts que tu le penses. Mais ils ont l'air tordus. POURTANT c'est par ses chemins apparemment tordus que tu dois cheminer, et les choses viendront à ta rencontre. Tu n'as qu'à écouter les chemins et les suivre. -- C'est pour vous, pour votre anniversaire. Celui-là s'appelle Cazuza, prenez bien soin du petit prince. POURTANT je ne lui ai rien dit, pensai-je.

Plutôt	Modulação	Ele gritou. Não era um grito, MAS um grunhido, um roncosem forma, como se a dor não encontrasse palavras.	Il cria. Non, pas un cri, PLUTÔT un grognement, un râle informe, comme si la douleur ne trouvait pas des mots.
		Eu bebi. Como se tivesse cola, visgo, o líquido escorregou com dificuldade pela garganta. Fechei os olhos, e senti os dedos de Dulce Veiga fazendo o sinal-da-cruz na minha testa. Não como se eu morresse, MAS feito uma bênção, batismo. O gosto amargo permanecia na boca.	Je bus. Comme s'il contenait de la colle, quelque chose de gluant, le liquide glissait avec difficulté dans ma gorge. Je fermai les yeux, sentis les doigts de Dulce Veiga faire un signe de croix sur mon front. Pas comme si j'étais mort, PLUTÔT comme une bénédiction, un baptême. Ma bouche gardait un goût amer.
Alors	Modulação	A casa não ficava no Morumbi, Jardins ou qualquer outro desses bairros chiques. Depois de voltas e voltas, consultas num guia em pedaços onde as ruas sempre continuavam justamente nas páginas que estavam faltando, perguntas nas esquinas e informações do tipo conta três faróis, MAS só existiam dois, vire depois à esquerda, mas à esquerda não havia rua alguma, o motorista do táxi conseguiu encontrar um pequeno sobrado no alto da Freguesia do Ó. Paguei sem reclamar, dinheiro do jornal.	La Maison ne se trouvait pas à Morumbi, à Jardin ou quelque autre quartier chic. Après tours et détours, la consultation d'un guide en morceaux où le plan de rues se continuait justement sur les pages manquantes, après des questions aux carrefours et des indications du type comptez trois feux ALORS qu'il n'y en avait que deux, tournez à gauche mais à gauche il n'y avait pas de rue, le chauffeur de taxi réussit a trouver une maison à étage sur les hauteurs de Freguesia do Ó.
		MAS o pai não era Oxóssi, pensei em perguntar.	ALORS son père n'était Oxóssi ? fus-je sur le point de demander.
Pas	Modulação	Samambaias verdejantes despençavam em cascatas no jardim suspenso, MAS insuficientes para ocultar o grafite no muro daquele bolo de cimento coberto de antenas parabólicas.	Des samambaias verdoyantes croulaient en cascade dans le jardin suspendu, PAS assez pour cacher un graffiti sur le mur de cette pâtisserie en ciment chargée d'antennes paraboliques.
Sauf	Transposição	- Escuta - eu disse. - Se você faz mesmo questão, podemos levar horas nisso. Posso chamar a Marianne Faithfull ou a Moore, a Charlotte Brontë ou a Rampling. Muito cultural e tudo. MAS acontece que estou trabalhando, gatinha. - O gatinha não fazia parte de meu glossário, mas achei que ajudaria.	- Ecoutez, dis-je. Si c'est ce que vous voulez on peut passer des heures à ce petit jeu. Je peux demander Marianne Faithfull ou Moore, Charlotte Brontë ou Rampling. Ça fait très culturel et tout et tout. SAUF que je fais mon travail, ma chatte. - Le <i>chatte</i> ne faisait pas partie de mon glossaire, mais je pensai que ça aiderait.

Que	Transposição	E podia ser, claro, que tanto a mulher da tarde anterior como a desta não fosse Dulce Veiga, mas outra qualquer, que eu fantasiara e enfeitara; podia ser ainda que não fosse ninguém mais além de uma imagem da minha mente; podia ser também que fosse realmente ela, MAS tivesse seguido em frente, por outras ruas, e eu a perdera outra vez. Mas podia ser, finalmente, que Pepito e Márcia e Castilhos estivessem mentindo.	Il était possible, bien sûr, que ni la femme de la veille ni celle d'aujourd'hui ne soient Dulce Veiga, mais une autre femme quelconque, que j'avais imaginée ou transformée possible que ce ne soit rien d'autre qu'une projection de mon esprit possible aussi que ce soit vraiment elle, QU' elle ait poursuivi son chemin dans une autre direction et que je l'aie perdue à nouveau. Mais possible aussi, finalement, que Pepito et Castilhos aient menti.
Même	Transposição	- Você não me contou que tinha isso, bofe. Ela é mulher, MAS é uma deusa. Posso ouvir?	- Tu m'a pas dit que tu l'avais, mec. Ça c'est une femme, une déesse MEME . Tu peux l'écouter ?
Malgré	Transposição	E de repente, como nunca mais conseguira ver, desde criança, embora me esforçasse, MAS tinha perdido aqueles olhos, inesperadamente consegui enxergar outra vez São Jorge de lança em punho, matando o dragão na superfície da lua.	Et soudain, comme j'aurais réussi à le voir depuis mon enfance, MALGRE mes efforts car j'avais perdu ces yeux là, soudain je parvins de nouveau à distinguer saint Georges, la lance à la main, tuant le dragon à la surface de la lune.
Au fait	Transposição	- Eu nasci aqui. Sou a dona da pensão. MAS quem é mesmo que o senhor está procurando?	- Je suis née ici. C'est moi la propriétaire de la pension. AU FAIT , c'est qui que vous cherchez?
Lorsque	Transposição + Modulação	Não havia ninguém à vista. Tive vontade de entrar por aquele corredor, MAS lembrei de Patrícia.	Personne en vu. J'allais entrer dans le couloir LORSQUE je me souvins de Patricia.
Et aussi	Transposição + Modulação	Por alguma razão maluca, ou absoluta falta de razão, eu não apenas sentia que tinha que fazer aquilo, MAS confiava nela.	Pour quelque folle raison, ou absolument sans raison, je sentais que je devais le faire, ET AUSSI que j'avais confiance en elle.
Quand	Transposição + Modulação	Não tinha nada na cabeça, mas precisava fingir alguma ocupação para que Teresinha me deixasse em paz. - Você não tem nenhuma nota para mim? Eu ia dizer que não, MAS lembrei: - Você já ouviu falar em Dulce Veiga?	Je n'avais rien en tête mais il me fallait feindre une occupation pour que Teresinha me laissât en paix. - Vous n'avez pas de potins pour moi ? J'allais lui répondre que non QUAND je me souvins : - Vous avez déjà entendu parler de Dulce Veiga ?

Quadro 3: As traduções de MAS para o inglês.

Correspondente	Modalidade	Original em português	Tradução em inglês
And	Transposição	Fiquei tentando descobrir se o cara de peitos nus, eu precisava de óculos, seria Arnold Schwarzenegger ou Sam Shepard, MAS estava achando que Shepard seria intelectual demais para o gosto de Jacyr, quando Jandira disse: -Axeturá.	I tried to decide whether the bare-chested Guy – I needed glasses – was Arnold Schwarzenegger or Sam Shepard, AND I was thinking that Shepard would be too intellectual for Jacyr’s taste, when Jandira said: “Axeturá.”
And	Transposição + Modulação	Mesmo que a gota se dividisse antes de entrar no labirinto, era possível fazer uma parte dela esperar, lá dentro, por suas partes perdidas, que chegavam aos poucos, e se integravam nela. Então primeiro unilas numa só, depois fazê-la escorregar, única, com toda a suavidade, MAS precisa, por entre as paredes do labirinto, até o exato centro geométrico.	At that point join them into one, then make the single drop slide, with the utmost gentleness AND precision, between the walls of the maze, toward the exact geometric center.
Then	Transposição + Modulação	Não havia ninguém à vista. Tive vontade de entrar por aquele corredor, MAS lembrei de Patrícia. - MAS de repente, quem sabe, a senhora conheceu também uma amiga dele.	There was nobody in sight. I wanted to go down that hallway, THEN I remembered Patrícia. “Perhaps THEN you also knew a friend of his.”
Although	Palavra por palavra	"Você começa hoje, cara" - dissera Castilhos no telefone. Com aquela voz no fundo da qual, para manter o velho hábito sublitterário, eu poderia localizar algo que chamaria de áspera-ternura-cúmplice, MAS na verdade não passava de excesso de nicotina e saco cheio: "E vê se não me faz cagada logo no primeiro dia, oquei? Garanti prós homens que você é da pesada". A primeira vez que vi Dulce Veiga, e foram apenas duas, ela estava sentada numa poltrona de veludo verde. Uma <i>bergère</i> , MAS naquele tempo eu nem sabia que se chamava assim. Sabia tão pouco de tudo que, na época, quando tentei descrevê-la depois na mente e no papel, disse que era uma dessas poltronas clássicas, de espaldar alto e assim como duas abas salientes na altura da cabeça de quem senta.	“You start today, pal,” Castilhos had said on the phone. In that voice at the bottom of which, to feed the old sublitterary habit, I could have detected something I’d call gruff-complicitous-fondness, ALTHOUGH it was actually nothing but an excess of nicotine and busted balls. “And see if you can keep from fucking up on the very first day, okay? I swore to the guys you were a hotshot.” The first time I saw Dulce Veiga, and there were only two times, she was sitting in a Green velvet armchair. A <i>bergère</i> , ALTHOUGH in those days I didn’t even know that was what they were called. I knew so little of anything in those days that, later, when I tried to describe it in my mind and on paper, I said it was one of those classic armchairs, with a high back and something like two wings jutting out at the height of the head of the person sitting.

Though	Palavra por palavra	Antes que eu talvez recusasse, MAS não sei se seria capaz, ele meteu a mão no bolso, arrancou uma carteira de couro legítimo, com outra águia lavrada, abriu-a, tirou um monte de notas. Sem contar, enfiou-as no bolso da minha camisa.	Before I could refuse, THOUGH I doubt if I could have, He put his hand in his pocket, pulled out a genuine leather wallet with another eagle engraved on it, opened it and took out a wad of money.
What about	Modulação	MAS Saul, eu perguntara, quem é Saul. E Alberto, como Márcia, não lembrava de ninguém com esse nome.	WHAT ABOUT Saul, I had asked, who's Saul. But Alberto, like Márcia, didn't remember anyone by that name.
So	Transposição + Modulação	A sala também parecia uma sala do interior, modesta e limpa, um sofá de estampado meio puído, poltronas combinando, guardanapos de crochê no espaldar, nos braços. MAS onde estará afinal o rock and roll, pensei, olhando a parede com reproduções de gravuras inglesas do começo do século.	The living room also looked like a living room from the interior, modest and clean, a rather worn print sofa, matching armchairs, crocheted doilies on the back and arms. SO where's the rock 'n' roll, I thought, looking at the wall with reproductions of English prints from the beginning of the century.
When	Transposição + Modulação	Ia desistir sem deixar recado, MAS alguém desligou a secretária e uma voz conhecida, irritada, sonolenta, resmungou um alô.	I was going to hang up without leaving a message WHEN someone turned the answering machine off and a familiar, irritable, sleepy voice mumbled a hello.